

## VELHICES LGBT: INVISIBILIDADES E ANGÚSTIAS SOB O IMPERATIVO DO ENVELHE(SER)

Lucas Brasil Feitosa <sup>1</sup>  
Edivan Gonçalves da Silva Júnior <sup>2</sup>

### RESUMO

O fenômeno da velhice é atravessado por estereótipos que tornam o encontro do sujeito com a velhice um verdadeiro desafio. Nesse sentido, destaca-se a sexualidade, que ainda tem sido um tabu para as pessoas mais longevas, como uma experiência plena dessa esfera da vida. Ademais, além de negada a vivência da sexualidade na velhice, prevalece ainda um padrão nas formas de ser velho(a) através de marcadores de branquitude, heterossexualidade e papéis de gênero engessados. Outrossim, os idosos trazem as marcas de um período histórico em que imperavam formas repressoras da sexualidade, em que a diversidade sexual não constituía uma pauta na sociedade, e derivado disso estes tiveram que viver anos da sua vida com medo, receosos de assumirem seus desejos, suas identidades. Tendo em vista o exposto, este trabalho resultou de uma revisão bibliográfica que objetivou discutir o fenômeno da velhice em pessoas LGBT e suas implicações no campo social e intersubjetivo. A literatura assinala um contexto sócio-cultural e intersubjetivo complexo que permeia as subjetividades de pessoas idosas da comunidade LGBT, demarcado pelo acréscimo de vulnerabilidades em que se somam ao estigma da velhice o estigma de pertencer a uma identidade LGBT. Assim, a invisibilidade do velho LGBT e o repúdio aos desvios dos ideais heterocisnormativos pregados de forma pungente para a velhice são uma realidade que endurece as formas de expressão da sexualidade nessa fase da vida. Tal problemática precisa ser devidamente pautada em meio à elaboração e implantação de políticas públicas para o envelhecimento.

**Palavras-chave:** Velhice, Diversidade, Envelhecimento, Sexualidade.

### INTRODUÇÃO

A população mundial tem passado por um período de transição demográfica acelerado e contínuo. Em especial, a sociedade tem atingindo idades mais elevadas e a população idosa tem se tornado um grupo mais consolidado e numeroso. Algumas estimativas podem ser apresentadas como forma de ratificar a necessidade de que sejam envidados mais esforços para o cuidado da população idosa por parte dos órgãos públicos. Pesquisas estipulam que, em 2025, o Brasil ocupará o sexto lugar quanto ao número de idosos e alcançou cerca de 32 milhões de pessoas. Para o ano de 2050, espera-se uma concentração de 22% da população com 60 anos ou mais, enquanto o número de crianças de zero a 14 anos esperado para esse mesmo ano é de

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [lbfeitosa1995@gmail.com](mailto:lbfeitosa1995@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Mestre em Psicologia da Saúde, Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, [edivangoncalves.junior@gmail.com](mailto:edivangoncalves.junior@gmail.com)

13,5%. Para o ano de 2060, estima-se que a população idosa alcance a porcentagem de 26,7% do total de brasileiros (IBGE, 2018).

Inegavelmente, o processo de envelhecimento é atravessado por fatores de riscos psicossociais, que ameaçam o desenvolvimento normal dos sujeitos, que se deparam com adversidades na vivência de maior longevidade. Decorrem múltiplas necessidades médicas (aquisição de doenças crônicas, declínio das capacidades funcionais e cognitivas), psicossociais (retraimento social, interação familiar, adesão aos serviços de promoção de cuidado e assistenciais) e econômicas que surgem em decorrência do processo de envelhecimento (RIVERO et al., 2013; TAVARES et al., 2017).

Embora ocorra em escala mundial, o fenômeno do envelhecimento populacional não é homogêneo, pois o curso do envelhecimento da população obedece a critérios socioeconômicos, políticos, culturais e pessoais e varia conforme os esforços dispendidos para a realização de políticas públicas direcionadas aos cuidados e à proteção dos grupos etários mais longevos (LEANDRO-FRANÇA; MURTA, 2014). Ademais, existem diferentes determinantes que são responsáveis por conferir uma diversidade no perfil de idosos brasileiros, considerando as diferentes regiões brasileiras e suas particularidades sociais, econômicas e culturais, atravessadas por questões como: discriminação e exclusão associadas ao gênero, à etnia, ao racismo, às condições sociais e econômicas, à região geográfica de origem e à localização de moradia (CARVALHO et al., 2015).

Em se tratando da diversidade que compreende o processo de envelhecimento, a literatura corrente ainda se mostra carente de estudos que abordem demandas de grupos longevos que sofrem de processos discriminatórios e excludentes em função de marcadores sociais como os de identidade étnico racial, de gênero e religioso. Tal realidade reflete a dificuldade por parte da sociedade de considerar a diversidade humana como uma variável que é determinante em se considerando os modos de vida, o acesso aos diferentes recursos sociais e dos processos que assinalam a participação social no espectro da inclusão ou da exclusão (SALGADO et al., 2017).

Ressaltamos no presente artigo a experiência de envelhe(ser) na diversidade, considerando o marcador da sexualidade pertinente às identidades de pessoas LGBTQI+. Conforme assinalam Marques e Sousa (2016), o grupo de idosos LGBT que temos atualmente viveu um período histórico de controle da sua sexualidade, em que imperavam formas de opressão e invisibilidade da sua identidade LGBT. Como resultado de tal repressão, operavam

o medo da rejeição e perseguição e o receio de admitir sua orientação para si mesmo era pungente.

Isso posto, o presente trabalho desenvolveu um levantamento bibliográfico objetivando discutir o fenômeno da velhice em pessoas LGBT e suas implicações no campo social e intersubjetivo.

Perceber essas características é reconhecer um conjunto de práticas que existem com maior frequência na velhice, a exemplo disso temos as práticas e vivências sexuais dos velhos. Segundo Alencar e Ciosak (2016), há um imaginário muito presente acerca da sexualidade do idoso – principalmente por profissionais da saúde – que coloca a pessoa velha em um lugar muito romântico e assexual, como se a velhice preconizasse uma despersonalização dos desejos sexuais e, portanto, não reconhecem a vida sexual destes sujeitos.

É importante ressaltar que não existe uma velhice típica ou tradicional, o envelhecimento populacional adiciona novas formas de existência na condição do idoso, que vive de formas diversas, com sexualidades diversas e expressões também diversas (OMS, 2015). Ressaltando, assim, a condição ativa que a pessoa velha pode possuir, desvinculando a palavra velhice da palavra dependência. Essa perspectiva, enxerga o velho como um sujeito desejante e autônomo que pode viver seus desejos e vontades de forma igual a outro sujeito com menos idade.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica, cujas fontes de análise foram livros e artigos disponibilizados na base de dados do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Foram incluídos na pesquisa os materiais bibliográficos que abordavam o seguinte temas: velhice, envelhecimento, LGBT.

Os achados com essa pesquisa resultaram em tópicos de discussão e constituem o *corpus* dos resultados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **O fenômeno da velhice e o marcador da diversidade sexual**

Como resultado do contínuo processo de envelhecimento, e em conjunto com demandas socioculturais e subjetivas, temos a vivência de uma fase particular no desenvolvimento humano denominada de velhice. A velhice é um fenômeno biopsicossocial, pessoal e cultural, que não

acontece de forma homogênea na sociedade, nem repercute de forma linear nos sujeitos que envelhecem. Trata-se de uma fase da vida muitas vezes renegada, em vista dos desafios que são postos para o sujeito que se depara com o imperativo dos declínios e incapacidades (MOTTA, 2006).

O processo de envelhecimento requer a associação de inúmeros fatores, como ambientais, sociais, sexuais, educacionais, entre outros, além de ser um conjunto de experiências que são acumuladas ao longo da vida, constituindo um conjunto de crenças e hábitos. Alda Britto da Motta (2002), situando esse debate mais precisamente à nível cultural, pontua que o sujeito envelhecido se depara com uma série de perdas simultâneas atribuídas a posição do idoso, isto porque a representação social de ser velho corresponde a uma imagem de um indivíduo que por não produzir mais é visto como não pertencente à esfera social, desprovido assim de sua individualidade. Nesse sentido, a perspectiva na qual a velhice é vista como uma experiência de perdas de funções biopsicossociais vai ser fundante para os estudos da gerontologia, ciência que se propõe a estudar os velhos e o envelhecimento (DEBERT; HENNING, 2015).

Destarte, Motta (2006) esclarece que a experiência do sujeito com o envelhecimento é atravessada pelo discurso social que privilegia o corpo jovem, e remete o corpo velho à visão de senilidade, perdas e proximidade da morte. Também reflete numa experiência singular do sujeito com a ideia da passagem do tempo, um evento que provoca efeitos na subjetividade, nas suas formas de ser no mundo (GOLDFARB, 2009). Trata-se de uma experiência simbólica, e, conseqüentemente, cultural, investida de uma representação corporal e ideacional que se expressa muitas vezes como unidade classificatória, que regulamenta a participação social (MOTTA, 2006).

A noção de temporalidade aí se faz presente, demarcando cada corpo em determinada faixa etária para além das classificações construídas socialmente sobre identidade, papéis de gênero, sexualidade, desejo, entre outros marcadores. Dessa forma, ao passo que a idade e a produtividade se tornam elementos chave para atestar a posição de indivíduo, de antemão entende-se que há um imperativo bioetário regulador dessas experiências, de modo que a compreensão de seu funcionamento, para a gerontologia inicial, se sobreporia aos outros marcadores em uma “hipotética universalidade da condição da velhice” (DEBERT & HENNING, 2015, p. 12) de forma que as diferenças, como por exemplo as de gênero, se dissolveriam em uma “normalidade unissex da idade avançada” (p. 13).



Nesse interim, vale ressaltar que o escopo de análise fomentado por esses estudos iniciais se localiza muito especificamente em torno de grupos familiares, compostos essencialmente por indivíduos heterossexuais, caucasianos, com certo grau de escolaridade e de classe média (HENNING, 2017). Isto nos leva a pensar até que ponto sua aplicabilidade generalizada implica em um apagamento das idiosincrasias estruturantes de outras experiências de envelhecimento, tais como a de pessoas LGBT. De fato, uma vez instituído o padrão do ser velho atrelado à marcadores de branquitude, heterossexualidade e papéis de gênero lineares opera-se o que Carlos Henning (2017) vai chamar de *panorama heteronormativo sobre a velhice*, um apagamento sistemático das não-conformações ao sistema binário por velhos e velhas, no que tange às dissidências sexuais e de gênero, bem como às suas práticas erótico-sexuais em detrimento das referências normativas de masculinidade e feminilidade.

Pensar então a vulnerabilidade e as violências sofridas por parte da população idosa, bem como o próprio processo de envelhecer ensejado pela maioria dos constructos teóricos, parecem dizer respeito a um processo generalista construído a partir de um específico subgrupo populacional de idosos. De fato, a lógica temporal de etapas de vida bem definidas, com seus percalços e benefícios parece intangível à realidade de muitas pessoas LGBTs, especialmente transexuais e travestis, cuja expectativa de vida gira em torno de 35 anos (BORTONI, 2017). As marcas da violência de gênero, lgbtfobia, bem como o abandono familiar e institucional implicam diretamente na qualidade de vida dessa população, o que nos leva a pensar de que maneira as políticas públicas em geral, bem como as voltadas para população idosa, contemplam ou não essas experiências (HENNING, 2017).

### **Vivências e velhices LGBT: o desafio de envelhe(ser) na diversidade**

Perceber-se velho, enquanto pessoa LGBT, seria perceber-se como duplamente vulnerável, uma vez que essa experiência articularia o estigma da velhice ao estigma da homossexualidade e/ou da transgeneridade (HENNING, 2017). Nesse sentido alcançar o patamar de idoso(a), quando se vive de maneira dissidente em relação as normativas de gênero e sexualidade, presentifica o caráter de sobrevivência desse sujeito. Assim, a experiência de envelhecer, nos discursos de idosos LGBT, apontam para dificuldades como: a autoaceitação, o medo do outro e o medo do futuro, que podem culminar com a negação da identidade sexual e de gênero na velhice (SANTOS; DE ARAÚJO, 2018). Destarte, se o medo de sofrer

preconceito, de ser agredido, de seus pensamentos e desejos serem negligenciados por parte de familiares e/ou prestadores de serviços voltados à velhice, pairam de maneira fantasmática no imaginário dessas pessoas ao ponto de um indivíduo negar sua identidade como forma de sobrevivência, institui-se aí uma violência simbólica alarmante (MINAYO, 2014).

Dessa forma, entendendo que a velhice de indivíduos LGBTs demandam entendimentos de vulnerabilidades e especificidades próprias do grupo, percebe-se uma dupla negligência aos velhos e as velhas LGBT, tanto pelos gerontólogos quanto pelos movimentos sociais que trabalham com a causa LGBT, uma vez que os primeiros analisam a velhice sobre um prisma generalista e os segundos voltam sua atenção majoritariamente às problemáticas que envolvem pessoas mais jovens (DEBERT; HENNING, 2015). Percebe-se então como se constituem os aspectos responsáveis pela invisibilidade do velho LGBT, partindo desde a dificuldade de integração com LGBTs mais jovens, que apresentam visões estereotipadas sobre sua aparência e *background* cultural, até a própria dificuldade em circular nos espaços públicos, em face da violência (SANTOS; DE ARAÚJO, 2018).

A ‘máscara do envelhecimento’, proposta por Featherstone (1981, apud MOTTA, 2002), que ilustra o sentimento de ter uma peça sobre o corpo responsável por esconder esse “eu jovem” num invólucro velho, assume então uma verdadeira camisa de força entre os idosos LGBTs, que na dificuldade de construir sua identidade de sujeito velho atrelada ao silenciamento de suas experiências dissidentes de gênero e sexualidade, passam a ser reféns de uma normativa sobre o envelhe(ser) que em muitos aspectos não contempla suas demandas. Nesse sentido é interessante perceber um movimento contrário entre a gerontologia LGBT e a gerontologia social como um campo englobante. Ao passo que na primeira há uma constante denúncia em relação ao desamparo, negligência e sofrimento dos idosos LGBTs, para a segunda, a tendência cada vez mais crescente é o enfoque no envelhecimento ativo de forma a valorizar a velhice como uma etapa de construções positivas (HENNING, 2017).

Uma vez que o estatuto do idoso versa sobre o caráter inviolável da integridade física, psicológica e moral da pessoa idosa, de maneira a assegurar a preservação de sua identidade, autonomia e seus valores (BRASIL, 2003), cabe o questionamento acerca de sua real efetivação legislativa na realidade vivencial de pessoas velhas que são atravessadas por outros marcadores sociais como questões de gênero, sexualidade, raça e classe. No que tange ao objeto de análise aqui proposto, as dinâmicas sociais nas quais estão envoltas os/as idosos/as LGBTs se mostram em sua maioria frágeis, com violações de direitos significativas e o que agrava ainda mais a situação: escamoteadas por noções essencialistas e generalizantes sobre esses indivíduos, que

dificilmente encontram outra alternativa senão o silenciamento (MINAYO, 2014; SANTOS; DE ARAÚJO, 2018).

No intuito de apontar possíveis saídas para essa problemática, Carlos Henning (2017) pontua que a gerontologia LGBT na tentativa de uma ação direta contra as demandas dos idosos LGBTs direciona dois modelos interventivos: o modelo *separado-mas-igual* e o modelo *junto-mas-diferente*. O primeiro, enfatiza que para assegurar a efetividade e aplicabilidade de uma atuação apropriada, esta deveria ser feita preferencialmente *por e para* pessoas LGBTs, enfatizando assim o papel de grupos e organizações de apoio a causa como fundamentais para seu delineamento e implementação. Já o modelo *junto-mas-diferente* buscaria nas instituições sociais já existentes, tais como Unidades Básicas de Saúde e casas de repouso, delinear serviços de qualidade especificamente voltados aos idosos LGBTs através de treinamentos dos profissionais envolvidos no seu cuidado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tessitura de construtos teóricos que se proponham a discutir e provocar metodologias interventivas com foco na velhice de pessoas LGBT, a Gerontologia LGBT tem se mostrado como pioneira ao apontar, através dos modelos supracitados, a capacidade de delinear estratégias reais voltadas ao cuidado com e para esses sujeitos a partir de suas demandas específicas. Longe de encerrar todas as vicissitudes que compreendem a realidade dessa população, esse campo da gerontologia tem provocado cada vez mais o debate em torno dos diversos tipos de velhice, de maneira a afirmar que até mesmo a alcunha “Velhice LGBT” pode engolfar demandas específicas de cada subgrupo que compõe a sigla, o que aponta para novos desafios na busca de compreender e provocar saídas para tais particularidades (DEBERT; HENNING, 2015; HENNING, 2017).

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Rúbia Aguiar; CIOSEK, Suely Itsuko. Aids in the elderly: reasons that lead to late diagnosis. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 69, n. 6, p. 1140-1146, Dec. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672016000601140&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000601140&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 04 out. 2019.

BORTONI, Larissa. **Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional.** Agência Senado, 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de->

transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>. Acesso em: 03 out. 2019

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Cria o Estatuto do Idoso**. Diário Oficial da União, Brasília, n. 192, 3 outubro, 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm)>. Acesso em: 04 out. 2019.

CARVALHO, A. T. et al. Desigualdades na autoavaliação de saúde: uma análise para populações do Brasil e de Portugal. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 11, p. 2449-2461, 2015.

DEBERT, Guita Grin; HENNING, Carlos Eduardo. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **MAIS 60 – Estudos sobre Envelhecimento**, São Paulo: Edições Sesc, v. 26, n. 63, p. 8-31, dez. 2015. Disponível em: <[https://www.sescsp.org.br/files/edicao\\_revista/a21b7270-e797-4ccc-a526-9f83f89db9df.pdf](https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/a21b7270-e797-4ccc-a526-9f83f89db9df.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2019.

GOLDFARB, D. C. Memórias e temporalidades: construindo histórias. In: CÔRTE, B.; GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. (Org.). **Psicogerontologia: fundamentos e práticas**. Curitiba: Juruá, 2009. p. 95-101.

HENNING, Carlos Eduardo. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos idosos LGBT. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 283-323, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v23n47/0104-7183-ha-23-47-0283.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. IBGE. **Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

LEANDRO-FRANÇA, C.; MURTA, S. G. Prevenção e promoção da saúde mental no envelhecimento: conceitos e intervenções. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 2, p. 318-329, 2014.

MARQUES, F. D.; SOUSA, L. Portuguese Older Gay Men: Pathways to Family Integrity. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 26, n. 64, p. 149-159, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Múltiplas faces da violência contra a pessoa idosa. **MAIS 60 – Estudos sobre Envelhecimento**, São Paulo: Edições Sesc, v. 25, n. 60, p. 10-27, jul. 2014. Disponível em: <[https://www.sescsp.org.br/files/edicao\\_revista/c31b6bcb-842a-4b02-8a3c-cf781ab0d450.pdf](https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/c31b6bcb-842a-4b02-8a3c-cf781ab0d450.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2019.

MOTTA, A. B. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 78-82.

MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de ; COIMBRA JR, Carlos Everaldo Álvares (Orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento [Online]**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002, p. 37-50.



OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde.** Genebra: OMS, 2015. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2019.

RIVERO, T. S., CANALI-PRADO, F., VIEIRA, V. L. D., RIVERO, A. Aspectos psicossociais do envelhecimento. In: L. F. Malloy-Diniz, D. Fuentes, R. M. Consenza. (Orgs.) **Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional** Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 64-77

SALGADO, A. G. A. T., et al. Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. **Ciencias Psicológicas**, v. 11, n. 2, p. 155-163, 2017.

SANTOS, José Victor de Oliveira; DE ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes; NEGREIROS, Fauston. Atitudes e esterótipos em relação a velhice LGBT. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, [S.l.], v. 29, ago. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/9624>>. Acesso em: 05 out. 2019.

TAVARES, R. E., et al. Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 20, n. 6, p. 889-900, 2017.